



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

A SALA DE AULA COMO ESPAÇO DE LUTA, CONTROLE E RESISTÊNCIA: TRAÇOS DA CULTURA ESCOLAR (ENTRE)VISTOS NAS RELAÇÕES DA/NA SALA DE AULA

Lara Torres Castello César e Silva
Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Brasil
Endereço eletrônico: lara_ttc@hotmail.com

Emerson Tadeu Cotrim Assunção
Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Brasil
Endereço eletrônico: emersonbrumado@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho, que aqui apresentamos, é parte de uma pesquisa desenvolvida como trabalho de conclusão de graduação em Letras Vernáculas, no qual vincula-se aos novos estudos que tematizam a sala de aula (ASSUNÇÃO e MODL, 2015; COELHO, 2011) como *locus* privilegiado da dialogia professor-aluno, caracterizado como *locus* marcado por relações de luta, controle e poder (FOUCAULT, 2016; 1987; 1979) entendendo as (re)ações dos sujeitos da sala de aula não mais como indisciplina, mas como gestos que cristalizam resistências (FOUCAULT, 1979) e denunciam conflitos na interação didática entre os sujeitos da sala de aula. Dito de outra forma, quando o indivíduo resiste, o mesmo se reconhece e se posiciona criticamente como sujeito consciente que, naquele momento, de alguma maneira, rejeita as “verdades” impostas e às situações de controle existentes naquele espaço. Situações de controle que podem ser flagradas nas diversas atividades didáticas e que podem ser lidas por meio de escolhas lexicais, agenciamentos na construção discursiva da correlação professor-aluno transposta pelo dito e o não-dito, e os silenciamentos¹ (ORLANDI, 2007) que evidenciam os jogos de poder (FOUCAULT, 1979).

Dessa maneira, em concordância com Assunção e Modl (2015), ao entendermos a sala de aula como, “[...] lugar de (re)produção de sentido e comportamentos encenados a partir das posições-sujeito de professor e alunos, que ali se reconhecem no interior do

¹ Segundo Orlandi (2007), o silenciamento é a política do silêncio. Ou seja, “aqui, entra toda a questão do ‘tomar’ a palavra, ‘tirar’ a palavra, ‘obrigar a dizer, calar, silenciar”. (ORLANDI, 2007, p.29)



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

discurso didático” (ASSUNÇÃO e MODL 2015, p.561), decidimos como nosso objeto de estudo, procurar indícios que evidenciassem, por meio dos gestos de resistência, a que, quem e por que alunos resistem em suas práticas de linguagem na escola. Para tanto, trazemos como objetivo geral, mapear os gestos de resistências dos discentes em uma disciplina de Língua Portuguesa de uma turma do 9^a ano, do Ensino Fundamental II, da E.J.A. – Educação de jovens e adultos – em um colégio municipal do Município de Eunápolis, Bahia. E, como objetivos específicos, direcionamos a pesquisa para três: *i*) caracterizar a sala de aula da educação básica como espaço controverso de posições-sujeito; *ii*) identificar em uma sequência de aulas, em uma mesma turma, as marcas/indícios de resistência dos discentes e a que(m) resistem e *iii*) analisar, com base em pressupostos da Análise do Discurso francesa, onde e a quem esses gestos de resistências se materializam.

Para sustentar nossas investidas teóricas, aportamos à pesquisa nos estudos e interesses da Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2013), com estreitas contribuições da Análise do Discurso (GREGOLIN, 2006; MUSSALIM E BENTES, 2009) e os estudos de Michel Foucault (2016; 1987; 1979) sobre as relações de controle, disciplina, poder e resistência.

Para a geração dos dados, apostamos na pesquisa qualitativa (FLICK, 2009; MYNAIO, 2010) com abordagem etnográfica (MATTOS e CASTRO, 2011). Nessa mesma linha metodológica, vivenciamos a cultura escolar local da escola (MATTOS e CASTRO, 2011), objeto de pesquisa, durante o período de um mês. Trata-se de uma escola municipal do município de Eunápolis-Ba, em que os sujeitos fazem parte da turma do nono ano B do programa da EJA – Educação de Jovens e Adultos. Apostamos em um *corpus* multiforme, formado por dados advindos de quatro instrumentos de pesquisa: *i*) observação das aulas e da escola; *ii*) produção de vinhetas narrativas ao final de cada dia de observação (que totalizam 23); *iii*) aplicação de questionário aos discentes e *iv*) entrevista com a professora. Desse modo, após a geração dos dados, fazemos uma triangulação destes para a análise.

Os dados foram dispostos em um triangulação, momento que trouxemos *i*) Questionário aplicado aos alunos, *ii*) Relatos das vinhetas narrativas e, *iii*) Entrevista cedida pela professora. Para a análise, optamos por duas modalidades enunciativas: *i*) as



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

escolhas lexicais dos alunos e professores ao assumirem seus papéis nos momentos de interação e trocas didáticas e *ii*) os gestos de resistências cristalizados em ações do cotidiano e da cultura escolar dos alunos.

Após as leituras e interpretações dos dados, as análises sinalizaram que: *i*) os alunos, da sala *lócus* da pesquisa, resistem às investidas didáticas da professora, em atitudes que fogem às ações cristalizadas de agir e resistir em sala de aula; *ii*) evidenciam dificuldades de didatizações de conteúdos de Língua Portuguesa para os alunos da EJA, já que das 19 aulas observadas, apenas dois ou três dias foram de efetivo tratamento de questões de linguagem e *iii*) evidências de traços característicos da cultura escolar local evidenciando ações e reações de conflito e de contradições, que é um reflexo da sociedade.

A luz dos estudos voltados para a Linguística Aplicada e da Análise do Discurso de linha francesa, temos a compreensão de que o professor seja um eterno pesquisador, que entenda a sala de aula como *lócus* de pesquisa e de práxis pedagógica. Cabe, assim, esboçar algumas das reflexões que julgamos pertinentes em face do objeto de pesquisa para, tomando por base os dados analisados e triangulados, evidenciarmos considerações. São elas:

i) Algumas atitudes da professora e dos alunos não foram trazidas ou analisadas por nós por acreditarmos que são características esperadas do papel do professor e do aluno, como, por exemplo, conversas paralelas e tentativa de controle da sala;

ii) Assim como os alunos resistem, a professora também resiste, mesmo que inconscientemente, há recusa da docente em trabalhar com alguns alunos;

iii) A sala de aula é um lugar marcado por resistência, luta, exercícios de poderes, controle e tentativa de (des)estabilização dos sujeitos que encenam seus papéis na sala de aula, assim como em todo *microcosmos* social;

iv) A escola é um lugar que apresenta uma cultura escolar refletida da sociedade. Ou seja, assim como a sociedade traz contradições, a escola não é diferente. Se a escola não apresentasse conflitos, não seria um *microcosmos* social, pois a sociedade é marcada por relações de poder e de resistências, características de todos os *microcosmos* sociais.

v) Os sujeitos que estão na escola, mais especificamente, nas salas de aulas, são sujeitos que se posicionam como indivíduos que cumprem o seu papel segundo o esperado

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

pela sociedade, já que foi atribuído a função do diretor, por exemplo, de vigiar, manter a ordem, assim como é da função da professora manter o controle da sala de aula. Esses comportamentos não extrapolam os limites do desenvolvimento dos seus papéis enquanto sujeitos e/em relações de poder. O que foi analisado por nós foram comportamentos que vão além dos limites e do que é permitido na encenação dos papéis, como, por exemplo, a professora sair da sala todo o tempo, chegar atrasada em todos os momentos, assumir duas salas ao mesmo tempo, acusar sem ter certeza de quem está usando o celular. Extrapola, também, ela perguntar a mim, na condição de pesquisadora, quantas aulas ela tem naquele dia ou me colocar para assumir a sala, uma vez que sou, apenas, pesquisadora daquele espaço.

Por fim, a pesquisa sinaliza que os alunos, da sala *lócus* da pesquisa, resistem às investidas didáticas da professora, bem como evidencia traços característicos da cultura escolar local, que é um reflexo da sociedade. Em síntese, devido aos conflitos existentes em sala, que atravessam os sujeitos e os levam a extrapolar os limites do papel do professor, aluno e diretor por conta desses conflitos, concluímos (re)afirmando que, tudo que apresentamos até o momento, são (a)mostras das dificuldades que são encontradas nas relações que sustentam os papéis da professora, do aluno, do diretor e de todo o corpo da escola.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura Escolar; Resistência; Controle.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Emerson Tadeu Cotrim e MODL, Fernanda de Castro. Sala de aula como espaço controverso de posições-sujeito: o dizer, o não-dizer, o silêncio e as relações de poder em uma aula sobre o “dia da consciência negra”. *Fólio – Revista de Letras*, Vol. 07, n. 02, p. 555-579, jul./dez. 2015.

COELHO, Fernanda de Castro Batista. Construção identitária e(m) comportamentos na sala de aula: o agenciamento da palavra em dois grupos (um alemão e um brasileiro). 226 páginas. *Tese* (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

FOUCAULT, Michel. Isto não é um cachimbo. Tradução de Jorge Coli. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora Paz&Terra, 2016. Título Original: Cesi n’ est pas une pipe.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

_____. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. 19ª ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979.

_____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramalhete. 32ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987. Título original: Surveiller et punir.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas, SP: UNICAMP. 6ª.ed., 2007.

MOITA LOPES, Luiz Paulo (Org.). *Linguística aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani*. 1ª ed., São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos & duelos*. 2ª.ed. São Carlos: Editora Ciaraluz, 2006.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. Introdução à linguística: domínios e fronteiras. In: MUSSALIM, Fernanda. *Análise do discurso*. 6ª.ed. São Paulo: Cortez, 2009, p.101-142.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Tradução de Joice Elias Costa: ed. Porto Alegre: Editora Armed, 2009.

MYNAIO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 12ª.ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães; CASTRO, Paula Almeida. *Etnografia e educação: conceitos e usos*. 21ª.ed. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO